

## OMISSÕES NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA

Diego Mauricio Barbosa\*  
Universidade Federal de Goiás

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de explorar pesquisas que tiveram como objeto de estudo as omissões na Interpretação Simultânea (IS), tanto nas Línguas Orais (LO) quanto nas Línguas Sinalizadas (LS), apresentando quais os conhecimentos existentes sobre este fenômeno que é intrínseco ao trabalho do intérprete profissional, contribuindo para as discussões sobre o assunto na área dos Estudos da Interpretação (EI) no Brasil e ainda oferecendo conhecimento para a formação destes profissionais.

**Palavras-chave:** Estudos da Interpretação. Interpretação Simultânea. Omissões.

## OMISSION IN SIMULTANEOUS INTERPRETING

**Abstract:** The aim of this article is to explore researches which the main purpose is to study the existant omissions between the Interpretation given at the same time during some presentation in oral language (OL) and sign language (SL), showing this relevant phenomenon, intrinsic to the work of a professional interpreter, that contributes for the discussions on the subject in the area of the Interpretation Study (IS) in Brazil and still offering knowledge for the formation of these professional.

**Keywords:** Interpretation Studies. Simultaneous Interpretation. Omissions.

---

\* Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução – PGET. Professor Assistente e Vice-Coordenador dos cursos de Letras: Libras e Letras: Tradução e Interpretação de Libras/ Português na Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia/GO - Brasil. E-mail de contato: dbarbosa.tils@gmail.com



## Introdução

As omissões na interpretação simultânea (IS) é um tema bastante polêmico e que vem sendo discutido há algumas décadas pela área dos Estudos da Tradução e da Interpretação (ETI), prova disso é a forma com que são tratadas nas pesquisas que abordam este tema ao longo desses anos (erros, equívocos, desvios e estratégias). Porém, algumas pesquisas mais recentes apontam que as omissões são utilizadas como “estratégia linguística” (NAPIER, 2004) ou ainda que a omissão que ocorre não é culpa do intérprete, e sim do confronto de uma demanda que pode surgir durante o evento interpretativo e que o profissional não está apto para resolver (BARBOSA, 2014).

Vale aqui uma ressalva, a maioria dos estudos que observam este fenômeno com um olhar mais neutro, colocando-o no patamar de estratégia, são pesquisas da área dos Estudos da Tradução e Interpretação da Língua de Sinais (ETILS) e que mesmo esta área, sendo marginalizada durante alguns anos na academia, tem alcançado grande notoriedade e contribuído ricamente com as discussões do campo disciplinar dos ETI.

Para começarmos a nossa reflexão sobre o tema, gostaria de lançar algumas questões que merecem atenção: omissão é sinônimo de uma interpretação mal sucedida? As omissões são intencionais por parte dos intérpretes? Quais os fatores que influenciam os intérpretes a omitir? As omissões na interpretação significam que a qualidade foi afetada? Bem, estas questões contribuem para a nossa reflexão inicial.

Com o objetivo de contribuir para as discussões dos Estudos da Interpretação (EI) no Brasil e oferecer informações que já circulam internacionalmente pela área há algumas décadas, acredito ser relevante para a formação dos profissionais que são experientes e também os novatos a compreensão dessa temática, pois, segundo Barbosa (2014), as omissões são intrínsecas ao evento interpretativo, porém nem todos os intérpretes estão prontos para lidar com elas.

Deste modo, organizo o artigo nas seguintes subseções: primeiramente, apresento trabalhos que têm um olhar tradicional sobre as

omissões e que acabam categorizando-as como erros/ equívocos; posteriormente, exponho as pesquisas categorizadas como “visão contemporânea” que não observam apenas o produto final das interpretações, mas começam a observar também o processo de interpretação, oferecendo novas perspectivas sobre as omissões; após esta subseção, apresento a contribuição dos Estudos da Interpretação Simultânea da Língua de Sinais (ISLS) para os estudos das omissões; e para finalizar, construo algumas reflexões com base nestes estudos e nos possíveis caminhos que ainda não percorremos sobre este objeto de pesquisa.

## **1. Estudos da omissão na IS**

As pesquisas sobre a omissão nos EI foram iniciadas, há mais de quarenta anos, através dos trabalhos seminais de Henri C. Barik (1973, 1975), os quais contribuíram para as discussões dos Estudos da Qualidade na IS, levantaram questões importantes e serviram de base para muitos trabalhos sobre o tema até os dias atuais.

Nesta seção, discutimos os trabalhos que abordam como objeto de análise as omissões que ocorrem na IS e, para tanto, apresentamos estes estudos divididos em três categorias, a saber: visão tradicional, visão contemporânea e visão dos Estudos da Interpretação Simultânea da Língua de Sinais.

### **1.1 Visão Tradicional**

A visão de fidelidade na interpretação é uma questão que é imposta como lei aos profissionais que trabalham na área, tanto pelos formadores de intérpretes mais tradicionais quanto pelo público alvo que adquiriu esta visão dos próprios envolvidos na área, porém não é esclarecido a quem se deve essa fidelidade, se ao texto, ao público ou ao orador. Esta visão de fidelidade será identificada nos estudos que apresento nesta subseção que classificam as omis-

sões como equívoco, transgressão ou, até mesmo, como erro por não manterem todas as informações do Texto Fonte (TF) na interpretação para o Texto Alvo (TA).

Para iniciar a discussão, trago o trabalho de Barik (1975) que é um trabalho de importante relevância na área, abrindo discussões importantíssimas, e que serve de base a muitas pesquisas até os dias atuais.

Barik (1975) apresenta um estudo experimental com um grupo de sujeitos de pesquisa formados por dois experientes, dois novatos e dois bilíngues, sendo que um tinha o inglês como primeira língua e o francês como segunda e o outro o contrário.

Os sujeitos de pesquisa foram expostos a textos que se encaixavam como fala espontânea e como fala embasada em material escrito. Desta forma, o autor extraiu, após uma análise contrastiva dos textos, quatro tipos de fenômenos, a saber: omissões, adições, substituições e erros.

As omissões formam uma categoria maior com quatro subcategorias: *Pular*, quando é um único item lexical ou uma frase curta de menor importância; *Compreensão*, quando há a omissão de uma unidade maior de significado, pela incapacidade de compreender ou traduzir a mensagem da língua fonte (LF), resultando em uma mensagem incoerente na língua alvo (LA); *Atraso*, quando há omissão de uma unidade maior de significado devido ao *lag time* excessivo em relação à emissão da LF; *Composição*, quando existe a conjunção de elementos diferentes na mesma sentença, resultando em uma sentença com sentido ligeiramente diferente do original, porém com o ponto principal mantido.

A partir desta análise, Barik (1975) afirma que estes fenômenos influenciam a quantidade de informação no produto final da interpretação, fazendo com que os TF e TA entrem em conflito e, assim, sejam considerados como erros. Porém, com base nas evidências identificadas em seu *corpus* de pesquisa, o autor faz uma observação que pode ser a causa dos “erros”: a falta de habilidade do profissional em identificar o ponto exato para segmentar o TF, no momento da interpretação, para assim evitá-los.

Podemos observar que no trabalho de Barik (1975) são evidenciados fenômenos que são recorrentes na IS e que merecem a nossa atenção. Porém, a forma como eles são apresentados não nos respalda para identificar os fatores que são causadores, pois o autor mostra o que faltou no TA e não nas causas e muito menos nas complicações causadas por esta “falta”.

Seguindo a mesma perspectiva de Barik (1975), Napier (2004) em sua pesquisa, que trata especificamente sobre as omissões, faz um apanhado mais amplo de estudos que olham para as omissões com destaque para os trabalhos de Altman (1989), Cokely (1992), Moser-Mercer et al. (1998), Russell (2002) e destaca o estudo de Kopczynski (1980), que divide a categoria de omissões, proposta por Barik (1975), em omissões obrigatórias e opcionais, sendo que as omissões obrigatórias acontecem pela diferença de estrutura linguística entre a LF e a LA, porém não é apresentada a definição das omissões opcionais.

O autor, Kopczynski (1980), afirma que as omissões acontecem por lapso de memória, pressão do tempo, fadiga e, portanto, corrobora o argumento de Barik (1975) de que os intérpretes, em algumas circunstâncias, são incapazes de escolher o momento ideal para interpretar, classificando estes fatores como “erro de desempenho” e o não entendimento da mensagem a ser interpretada como “erro de competência”.

Neste estudo, proposto por Kopczynski (1980), vemos o quão complexo é para os profissionais oferecer a melhor interpretação sem que estes fatores a influenciem. A questão crucial é o intérprete estar preparado para quando estes fatores surgirem em meio ao evento interpretativo para que eles não causem rupturas na interpretação que chegará ao público alvo e, muito menos, causem prejuízos às informações para este público.

Seguindo nos trabalhos que consideram a omissão como erro, temos o experimento de Gile (1999), com dez intérpretes de Línguas Orais (LO), que começa a observar o que acontece no cérebro destes profissionais. O autor expõe estes sujeitos ao gênero textual entrevista para que interpretem duas vezes consecutivas o mes-

mo texto e a partir dos dados obtidos ele categoriza os erros e as omissões em um mesmo grupo, porém, não apresenta os critérios utilizados para isso, apenas valida os erros e omissões elencados com mais dois intérpretes profissionais.

A partir dos resultados que obteve, Gile (1999) apresenta os quatro esforços, do “Modelo dos Esforços”, que o intérprete lida durante o processo interpretativo, a saber: Audição e análise (A), Memória de curto prazo (M), Produção (P) e a Coordenação dos esforços (C), argumentando que, quando um desses esforços é sobrecarregado, os erros e as omissões acontecem, confirmando a sua hipótese de que o intérprete sempre trabalha em sua capacidade cognitiva total e que sempre irão acontecer novos erros e novas omissões mesmo que o texto seja familiar ao intérprete.

O trabalho de Gile (1999) foi marcante dentro dos EI por começar a olhar para o processo e não apenas para o produto, questionando o que acontece no cérebro do intérprete. Porém, corrobora a visão tradicional sobre as omissões por não desvinculá-las de erros.

## 1.2 Visão Contemporânea

Nesta subseção, discutiremos trabalhos que começam a tratar as omissões por uma perspectiva mais atual, que leva esse fenômeno para além do *status* de erro e que começa a aceitar a ideia de que elas são utilizadas pelos profissionais pelo fato de sofrerem as demandas oriundas do evento interpretativo.

Para iniciarmos a nossa discussão, neste viés, temos o trabalho de Pym (2008) que replica a pesquisa de Gile (1999) não olhando exclusivamente para questões cognitivas dos intérpretes, mas observando o quanto a situação influencia nas escolhas do intérprete. Deste modo, ele nomeia o contexto como “Esforço Oculto”, afirmando que é um fator importante nas escolhas do profissional e ainda desassocia os erros das omissões apresentando dois tipos de omissões que identificou: “omissões de baixo risco” e “omissões de alto risco”.

O autor identifica as omissões de baixo risco como sendo aquelas utilizadas em alguns momentos específicos, como: início incerto da fala, hesitações e repetições dispensáveis da fala. Porém, a definição das omissões de alto risco não ficou clara e ele a definiu como uma omissão que pode prejudicar o entendimento do discurso.

Pym (1999), com as suas observações, contribuiu imensamente para um olhar diferente sobre as omissões, mesmo que o conceito de omissão de alto risco não tenha ficado tão claro, pois nos ajuda a refletir sobre esta questão por outro viés e ainda a nos questionarmos se é possível que o intérprete profissional utilize as omissões de baixo risco como opção estratégica durante o evento interpretativo para suprir a pressão do tempo, por exemplo.

A pesquisa de Luciano (2005), além de apresentar a diversidade de temáticas que são pesquisadas na área dos EI no Brasil, apresenta um experimento de contexto de interpretação, analisando cuidadosamente as interpretações de dois sujeitos de pesquisa, um profissional e um sujeito bilíngue sem experiência, que tinham como primeira língua a Língua Portuguesa e como segunda o Inglês.

A autora analisou os níveis léxico-semântico, sintático e fonético e as variáveis temporais e concluiu que o fator tempo é um dos principais responsáveis por desencadear omissões nas IS e, ainda, que, em alguns casos, o tempo também é fator preponderante para que omissões aconteçam e para que o discurso fique mais claro para o público alvo.

O trabalho de Luciano (2005) identificou um dos fatores que causam as omissões contribuindo para esta perspectiva contemporânea e nos ajudando a avançar no entendimento das causas e das consequências do que acontece quando a omissão ocorre na IS, deixando de lado a ideia de que o profissional é capaz de reproduzir 100% do texto da LF para a LA, sem perdas de informações.

Outro estudo que teve um tratamento diferenciado com as omissões foi o de Korpál (2012). Ele realizou uma pesquisa experimental que teve por objetivo principal investigar qual a relação de intérpretes novatos e intérpretes experientes com as omissões através de simulações de interpretações, observando qual a influência da veloci-

dade do discurso nas interpretações – um discurso menos veloz e outro mais veloz – e ainda um questionário sobre o uso das omissões.

Korpál (2012) identificou que ambas as categorias de sujeitos, novatos e experientes, utilizam as omissões com um propósito específico, na qual, segundo eles, são permitidas as omissões e os dados do questionário mostraram que os sujeitos sentiram a necessidade de reorganizar o discurso para a LA ser capaz de atingir o público alvo e, para isso, tiveram que omitir algumas informações.

Uma questão extremamente importante observada por Korpál (2012) é que quando os sujeitos interpretaram o discurso mais veloz, eles sentiram a necessidade de omitir informações menos importantes para conseguir preservar as mais importantes. Sendo assim, temos dados na pesquisa de Korpál (2012) que corroboram com as afirmações de Pym (2008) sobre as omissões de baixo risco e as omissões de alto risco.

Outra questão é que a taxa de omissões na versão mais veloz do discurso é quase igual entre novatos e experientes, porém, na versão dos novatos foram encontradas omissões de informações relevantes que não foram omitidas pelos experientes, neste caso, a experiência deles colaborou nas escolhas de quais omissões poderiam ser feitas de forma adequada.

Assim, pudemos verificar que as pesquisas agrupadas, nesta subseção, mostram-se mais abertas ao uso das omissões na IS, apresentando outro ponto de vista sobre este fenômeno e, mais uma vez, comprovando que elas são intrínsecas ao processo interpretativo, tanto para os intérpretes novatos como para os experientes.

### **1.3 Contribuição dos Estudos da Interpretação Simultânea da Língua de Sinais (ISLS) para os Estudos da Omissão**

Nesta terceira subseção, contamos com trabalhos que se enquadram tanto na visão tradicional como na contemporânea. Deste modo, organizo-a em uma ordem cronológica para facilitar a leitura.



Uma ressalva importante é o fato de, mesmo que as pesquisas desenvolvidas na área da ISLS tenham sido colocadas às margens dos ET durante tantos anos, elas vêm apresentando trabalhos de extrema relevância para a grande área dos ET há muito tempo, prova disso é o estudo desenvolvido por Cokely (1986) sobre as omissões.

Cokely (1986) realiza um estudo sobre o tempo de atraso (*lag time*, *décalage* ou *ear-voice span* - EVS) entre a LF e a interpretação para a LA com o objetivo de identificar o efeito deste nas informações que chegam para o público alvo, através de filmagens de quatro intérpretes experientes (12 anos) do par linguístico Inglês / Língua Americana de Sinais, em contexto de conferência.

Segundo o autor, o tempo de atraso pode causar “equivocos” nas informações apresentadas na LA, sendo que, os “equivocos” são as informações na LF que chegam distorcidas na LA.

Cokely (1986, p. 346, tradução de BARBOSA, 2014, p. 56) apresenta, a partir da análise dos dados coletados, a “Taxonomia dos Equívocos”:

### Quadro 1: “Taxonomia dos Equívocos”

<b>Equívocos</b>	<b>Definição</b>
<b>Omissões</b>	Informações lexicais da LF que não são interpretadas para a LA.
<b>Omissão morfológica</b>	Omissão de morfema da LF que contém informação.
<b>Omissão lexical</b>	Omissão de item lexical da LF que contém informação.
<b>Omissão coesiva</b>	Omissão de conectores da LF que são responsáveis por ligar os blocos de informação para que tenham sentido.
<b>Acréscimos</b>	Informação que não existe na LF e que é acrescentada na interpretação para a LA.

<b>Acréscimos não manuais</b>	Sinais não manuais que são realizados simultaneamente com os sinais manuais na interpretação e que apresentam uma informação que não existe no discurso na LF.
<b>Acréscimos lexicais</b>	Itens lexicais na interpretação que incluem informações que não são apresentadas na LF.
<b>Acréscimos coesivos</b>	Itens encontrados na interpretação que ligam informações no discurso que não são apresentados na LF.
<b>Substituições</b>	Informações da LF que são substituídas na interpretação e entram em desacordo com a intenção da mensagem original.
<b>Substituição expansiva</b>	Itens lexicais da LF que são substituídos na interpretação ampliando o significado da informação da LF.
<b>Substituição restritiva</b>	Itens lexicais da LF que são substituídos na interpretação restringindo o significado da informação da LF.
<b>Substituição coesiva</b>	Itens lexicais na interpretação que alteram a relação das informações que são apresentadas na LF.
<b>Substituição não relacionada</b>	Itens lexicais na interpretação que não têm motivação na LF, desviando a mensagem.
<b>Intrusões</b>	A interpretação segue a estrutura da LF.
<b>Intrusão lexical</b>	Itens lexicais da LF interpretados literalmente para a LA.
<b>Intrusão sintática</b>	Sintaxe da LF interpretada literalmente para a LA.
<b>Anomalias</b>	A mensagem na LA não tem sentido ou é confusa.
<b>Anomalias na enunciação da LA</b>	Produção de enunciados sem sentido.

<b>Anomalias na interpretação</b>	A mensagem na LA contém expressões desnecessárias que não tiveram motivação na LF ou uma parcela significativa da mensagem foi omitida.
-----------------------------------	---

Fonte: Cokely (1986, p. 246, tradução de Barbosa, 2014, p. 56)

Cokely (1986) identificou, através dos dados analisados, que dois dos sujeitos tiveram o tempo inicial de dois segundos de atraso e variaram entre 1-5 segundos e os outros dois sujeitos tiveram o tempo de atraso inicial de quatro segundos e variaram entre 1-6 segundos.

O interessante é que, segundo o autor, os sujeitos com menor tempo de atraso cometeram mais equívocos que os sujeitos com maior tempo de atraso. Essa afirmação nos ajuda a quebrar um paradigma entre os profissionais da área e os usuários do serviço que acreditam que, quanto menor o tempo de atraso, melhor e mais eficiente a interpretação será, justamente pelo receio de que informações sejam perdidas se o tempo de atraso for muito longo.

Cokely (1986) ainda coloca que o maior número de omissões ocorreu com os intérpretes que tinham o menor tempo de atraso em relação à LF e que os intérpretes com o maior atraso tiveram mais tempo para analisar e escolher as informações mais relevantes, produzindo uma interpretação mais eficaz. Porém, o autor ressalta uma preocupação que é o alto índice de “intrusões” que acarreta prejuízo no entendimento da mensagem por parte do público e também a desconfiança na qualidade do trabalho do profissional.

O autor conclui deixando um alerta sobre o tempo de atraso que, por mais que os dados obtidos em sua pesquisa deixem claro que “quando maior o tempo de atraso melhor”, não podemos seguir à risca essa regra porque nem todos os profissionais conseguem gerenciar um esforço maior de memória de curto prazo e ainda conseguir manter um bom fluxo de interpretação sem cometer outros equívocos por causa disso.

O trabalho de Cokely (1986) contribuiu e continua contribuindo com as nossas reflexões sobre o tempo de atraso da interpretação

em relação ao discurso na LF, porém, se tratando do nosso objeto de pesquisa, as omissões, ele auxilia para que seja tratada como erro, agrupando-as em uma taxonomia que, em sua maioria, são equívocos.

Napier (2001), em sua tese de doutorado, apresenta um estudo sobre as omissões, colocando-as no status de estratégia após filmar, analisar e realizar uma entrevista retrospectiva com dez intérpretes de Língua de Sinais Australiana – Auslan/Inglês – interpretando uma palestra universitária. A autora propõe a “Taxonomia das Omissões”:

### Quadro 2 – “Taxonomia das Omissões”

<b>Categoria das Omissões</b>	<b>Justificativa</b>
<b>Omissões Conscientes</b>	Ocorre quando o intérprete tem consciência da decisão e omite informações relevantes, para tornar a mensagem mais eficaz. Os intérpretes usam seus conhecimentos linguísticos e culturais para decidir qual a informação da língua fonte faz sentido na língua alvo, quais informações são culturalmente relevantes, e o que pode ser redundante.
<b>Omissões Conscientes/ Intencionais</b>	Ocorre quando o intérprete faz uma omissão que leva à perda de uma informação relevante. Os intérpretes têm consciência desta omissão e as fazem intencionalmente porque eles não entendem determinada unidade linguística (palavra ou frase) ou não conseguem pensar em um equivalente adequado na língua alvo.
<b>Omissões Conscientes/ Involuntárias</b>	Levam à perda de informação relevante. Os intérpretes são conscientes da omissão e a tornam intencional, pois ouvem

<b>Omissões Conscientes/ Involuntárias</b>	uma unidade linguística e decidem por “armazenar” e esperar mais informações contextuais ou profundidade dos significados antes de interpretá-la. Por causa da quantidade de entrada da língua fonte e o tempo de atraso, no entanto, os intérpretes esquecem estas unidades armazenadas, omitindo-as.
<b>Omissões Conscientes/ Receptivas</b>	Levam a uma perda de informação relevante e ocorrem quando os intérpretes não podem ouvir e identificar quais são as unidades linguísticas, por causa da baixa qualidade do som.
<b>Omissões Inconscientes</b>	Levam a uma perda de informação relevante porque os intérpretes não têm consciência desta omissão e não se lembram de ter ouvido as unidades linguísticas omitidas.

Fonte: Napier (2001, tradução BARBOSA, 2014, p. 59)

A autora ainda coloca que as omissões podem ser consideradas estratégicas, pois em seus dados os sujeitos de pesquisa afirmaram que mesmo que as omissões tenham sido involuntárias eles tinham consciência que estavam acontecendo e ainda que as omissões ocorreram quando houve o enfrentamento com alguma demanda (velocidade do fluxo de informação na LF, densidade textual, familiaridade com o texto, familiaridade com público alvo).

A partir desse estudo, Napier (2002) apresenta um novo conceito para a omissão que ela denomina como “estratégia de enfrentamento linguístico”. A autora toma como base os dados da pesquisa realizada no ano anterior, definindo o termo de estratégia linguística como sendo a omissão que é utilizada conscientemente pelos profissionais para enfrentar uma demanda linguística que surge durante o evento interpretativo.

A autora ainda apresenta duas definições de estratégia, as reativas e as proativas. Sendo que as reativas são as utilizadas pelo profissional sem planejamento prévio, ou seja, a demanda surge e a reação dele é uma omissão, por exemplo; e as proativas com planejamento, ou seja, a demanda surge e ele planeja omitir uma informação para a interpretação ficar mais clara para o público alvo.

Napier e Baker (2004), baseando-se nos dados das entrevistas retrospectivas, apresentados por Napier (2001), realizaram uma pesquisa com o intuito de identificar a consciência metalinguística dos sujeitos analisados e concluíram que o nível de consciência dos intérpretes é alto em relação às omissões que cometeram durante o evento interpretativo, pois, quando identificaram as omissões, conseguiram explicar o motivo de elas terem acontecido.

Os autores ainda pontuam que a consciência metalinguística é importante para o trabalho destes profissionais para que façam as melhores escolhas quando optarem por omitir alguma informação durante o processo interpretativo.

A pesquisa de Napier e Baker (2004) mostra-nos uma questão muito importante, tanto para os intérpretes (novatos e experientes) quanto para o público alvo da interpretação, que é o fato de que as omissões são intrínsecas a IS e ainda que o profissional tenha consciência do que esta fazendo. A questão é: os profissionais devem assumir que isso acontece durante a IS e o público alvo deve aceitar as escolhas feitas pelo profissional, pois seus esforços são aplicados para que o “produto” que chega até eles não seja prejudicado.

Gabrian e Williams (2009) apresentam uma pesquisa que mostra quantitativamente as omissões de uma interpretação com o objetivo de revelar o resultado da fadiga física e mental do profissional, a qual é ocasionada por excesso de tempo interpretando.

A partir das filmagens de duas interpretações, com duração de mais de 1h20min cada, de Inglês para Língua Americana de Sinais e de Língua Americana de Sinais para o Inglês, de um profissional com mais de cinco anos de atuação, os autores identificaram e contabilizaram as omissões lexicais (COKELY, 1992) e o tempo de processamento do sujeito de pesquisa.

Gabrian e Williams (2009) comprovam a hipótese de quanto maior o tempo, maior é a taxa de omissões que ocorrem e maior é o tempo de processamento do intérprete para produzir na LA por questão da fadiga física e mental. Esses dados corroboram a pesquisa de Brasel (1976), na qual ele indica que a partir de 30 minutos de interpretação o nível de omissões começa a aumentar.

A pesquisa realizada pelos autores, por mais que mostrem limitações, como a participação de um único sujeito e ainda o estudo ser feito de forma experimental (por não contemplar as demandas que influenciam os intérpretes durante o contexto real do evento interpretativo), elas possibilitam uma reflexão sobre qual é a qualidade da interpretação que chega até o público alvo quando os profissionais não têm condições de revezarem devido a falta de uma equipe de profissionais, trabalhando sozinhos não por alguns minutos a mais que os 30 defendidos por Brasel (1976), mas por horas ininterruptas como acontece diariamente nas escolas brasileiras que atendem alunos surdos.

Com um propósito diferente, a pesquisa de Barbosa (2014) teve por objetivo refletir sobre as omissões que ocorrem na IS e ainda apresentar as demandas que são responsáveis por elas. Segundo o autor, as omissões são definidas como aquelas informações que estão presentes na LF e não são interpretadas na LA.

A partir da análise das filmagens de três intérpretes profissionais em contextos reais de interpretação e de posterior entrevista introspectiva com os sujeitos de pesquisa, o autor elenca várias demandas, com base na pesquisa de Dean e Pollard (2001), que influenciaram as escolhas dos intérpretes durante a interpretação, apresentadas no seguinte quadro:

**Tabela 1 – Tabela síntese apresentada por Barbosa (2014) das demandas que influenciaram os sujeitos de pesquisa a omitir durante o evento interpretativo.**

<b>Tipo de Demanda</b>	<b>Fonte</b>	<b>Especificidade</b>
Linguística	Competência Linguística	L1 e L2 do ILS Modalidade da Língua
	Competência Tradutória	
	Competência Referencial	
	Tradução Cultural	
	Expansão da Interpretação	
	Concentração	
	Julgamento sobre o Discurso	
	Discurso do Palestrante	Sotaque Incompreensão da Fala
Densidade Lexical		
Ambiental	Recepção Auditiva Falha	
	Nervosismo	Contexto Público Envolvido
Intrapessoal	<i>Lag Time</i>	<i>Lag Time</i> - Excessivo <i>Lag Time</i> - Controle

Fonte: Barbosa (2014, p.78)

A partir destes dados, o autor conclui que, na maioria dos casos apresentados, as omissões foram a única saída para os intérpretes manterem o fluxo interpretativo. Porém, uma ressalva preocupante apresentada por Barbosa (2014): as omissões identificadas estão



sendo utilizadas como estratégias reativas e não proativas e, desta forma, podem causar outros equívocos, prejudicando o trabalho e as informações que chegam para o público alvo.

Os trabalhos, discutidos até aqui, mostram-nos o quão importante e preocupante é esta temática nos EI. Ela vem sendo pesquisada há décadas para melhor entendermos os motivos e as consequências das omissões no produto da interpretação.

### **Considerações finais**

O presente trabalho buscou evidenciar os Estudos das omissões na IS, os quais vêm sendo discutidos e teorizados há mais de 40 anos, mostrando o quão necessário é conhecermos melhor este fenômeno que, como vimos, faz parte da interpretação simultânea.

Apresentamos questões teóricas que respalda a visão social e a visão dos profissionais sobre as omissões na IS, esclarecendo o porque existe a categorização das omissões como erros e também como estratégia de confronto linguístico.

Buscamos também contribuir com as pesquisas na área dos EI no Brasil, apresentando um tema extremamente necessário à formação dos profissionais intérpretes (novatos e experientes) para que conheçam e entendam melhor este fenômeno, a omissão, que faz parte de seu trabalho. Há a necessidade que saibam como e quando utilizar essa estratégia de enfrentamento linguístico de forma proativa e não reativa.

A formação de profissionais no Brasil ainda acontece paulatinamente e, cada vez mais, o mercado de trabalho aumenta para a interpretação de um modo geral. O que chamamos atenção é que os estudos que tratam exclusivamente sobre as omissões estão sendo discutidos no mundo há tanto tempo e no Brasil só começaram a ser realizados em 2005, com o trabalho de Luciano. E, quando levantamos a questão, ainda temos o desconhecimento aprofundado e aplicado da temática por parte dos próprios intérpretes.

Neste sentido, acredito que a revisão de literatura contribuirá muito para a reflexão e para a aplicação destes conhecimentos na formação de intérpretes no Brasil e em futuras discussões que ainda permeiam as omissões na IS.

## Referências

ALTMAN, H. J. Error Analysis in the Teaching of Simultaneous Interpretation: A Pilot Study. *Fremdsprachen* 33(3): p. 177-183, 1989.

BARBOSA, D. M. *Omissões na Interpretação Simultânea de Conferência: Língua Portuguesa – Língua Brasileira de Sinais*. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.

BARIK, H. C. Simultaneous interpretation: Temporal and quantitative data. *Language and speech*, v. 16, p. 237, 1973.

\_\_\_\_\_. Simultaneous interpretation: Qualitative and linguistic data. *Language and speech*, v. 18, n. 3, p. 272-297, 1975.

BRASEL, B. B. (1976). *The Effects of Fatigue on Competence of Interpreters for the Deaf*, in Selected Readings in the Integration of Deaf Students at CSUN. (pp. 19-22, Rep.) (H. J. Murphy, Ed.).

COKELY, D. The effects of lag time on interpreter errors. *Sign Language Studies*, v. 53, n. 1, p. 341-375, 1986.

\_\_\_\_\_. *Interpretation: A Sociolinguistic Model*. Burtonsville, Md.: Linstok. 1992.

DEAN, R. K.; POLLARD, R. Q. Application Demand-Control Theory to Sign Language Interpreting: Implications for Stress and Interpreter Training. University of Rochester School of Medicine. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 2001. Disponível em: <<http://jdsde.oxfordjournals.org/content/6/1/1.full.pdf+html>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

GABRIAN, J.; WILLIAMS, G. *The Effect of Interpreter Fatigue on Interpretation Quality*, p. 1-35, 2009. Disponível em: <<http://http://www.gerardwilliams.net/index.php>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

GILE, D. Testing the Effort Model's tightrope hypothesis in simultaneous interpreting – A contribution. HERMES. *Journal of Linguistics*, n. 23, p. 153-172, 1999. Disponível em: <[http://download1.hermes.asb.dk/archive/FreeH/H23\\_09.pdf](http://download1.hermes.asb.dk/archive/FreeH/H23_09.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2013.

KOPCZYNSKI, A. *Conference interpreting: Some linguistic and communicative problems*. Poznan: Adam Mickiewicz Press, 1980.

KORPAL, P. Omission in simultaneous interpreting as a deliberate act. *Translation Research Projects 4*, p. 103, 2012.

LUCIANO, A. H. T. *A interpretação simultânea sob a ótica da linguística aplicada*. 2005. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2005.

MOSER-MERCER, B.; KUNZLI, A. and KORAC, M. Prolonged Turns in Interpreting: Effects on Quality. Physiological, and Psychological Stress. Pilot study. *Interpreting 3* (I), p. 47-64, 1998.

NAPIER, J. *Sign language interpreting Linguistic coping strategies*. Coleford, UK: Douglas McLean. 2002.

\_\_\_\_\_. *Linguistic Coping Strategies of Sign Language Interpreters*. Ph.D. diss., Macquarie University, 2001.

\_\_\_\_\_. Interpreting omissions: A new perspective. *Interpreting*, v. 6, n. 2, p. 117-142, 2004.

NAPIER, J.; BARKER, R. Sign language interpreting: The relationship between metalinguistic awareness and the production of interpreting omissions. *Sign Language Studies*, v. 4, n. 4, p. 369-393, 2004.

PYM, A. On omission in simultaneous interpreting. Risk analysis of a hidden effort. Working version of a text published. In: HANSEN, G.; ANDREW, C.; HEIDRUN, G. (Eds.). *Efforts and Models in Interpreting and Translation Research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008. p. 83-105. Disponível em: <[http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/2008\\_omission.pdf](http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/2008_omission.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2013.

RUSSEL, D. *Interpreting in Legal Contexts: Consecutive and Simultaneous Interpretation*. Burtonsville, Md.: Sign Media. 2002.

Recebido em: 15/07/2015

Aceito em: 30/09/2015